

O capital estrangeiro nas páginas de *Época* e *Veja* (2003- 2006)¹

Ricardo Krupiniski²

Introdução

A imprensa escrita é encarada por muitos como fonte secundária no campo da história. Essa é uma visão errônea, pois além de “escrever a história” ela contribui com a reprodução de fatos sociais, podendo até orientar a realidade. Como foi bem observado por Perseu Abramo em seu livro *Padrões de Manipulação da Grande Imprensa* (2003)³, a imprensa tem a capacidade de manipular a informação, sendo essa uma das principais características do jornalismo brasileiro.

Com forte ação partidária, pode-se afirmar que a grande imprensa liberal é uma das grandes responsáveis pela manutenção da ordem capitalista.

Ao construir hegemonia, buscar convencimento e criar visão de mundo os jornais (em conjunto com os demais instrumentos de mídia) são fundamentais instrumentos da dominação no final do século XX e início do XXI. Exercem a função educativa, educando para o capital⁴.

Tendo em mente essas breves observações, este artigo busca investigar a analisar como as revistas *Época* e *Veja* constroem um discurso em prol das multinacionais instaladas em território nacional, podendo verificar até certa euforia por parte das revistas em relação às importações de capitais.

Importação de capital: multinacionais e capital financeiro

O subtítulo da matéria da revista *Época* de 30/06/2003 traz o seguinte enunciado: “*empresas modernas e custos baixos levam grupos estrangeiros a produzir aqui para vender no Exterior*”⁵, já na matéria encontra-se a seguinte fala:

¹ Este texto é uma adaptação revisada do Capítulo 2: Imperialismo à estrangeira! *Época* e *Veja* e a importação de capital para o Brasil (2003- 2006), que se encontra em *Época* e *Veja*: imperialismo em revistas ou revistas imperialistas? (2003 A 2006). Dissertação de Mestrado em História. Marechal Cândido Rondon: UNIOESTE, 2011.

² Mestre em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE e doutorando em História pelo mesmo programa. Professor do Centro Universitário Assis Gurgacz. Contato: ricardoevel@outlook.com

³ ABRAMO, Perseu. *Padrões de manipulação da grande imprensa*. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2003.

⁴ SILVA, Carla Luciana Souza da. Uma visão segmentada para uma dominação total: editoras, projeto educativo e construção de hegemonia. In: ANTOGNAZZI, I. [et.al.] *Que universidad necesitan los pueblos*: a 90 años de la reforma universitaria 1918-2008. 1. ed. Rosario: Grupo de Trabajo Hacer La Historia, 2009.

⁵ “Produto tipo exportação”. *Época*. 30/06/2003, p. 52.

O plano do governo brasileiro de aumentar as exportações ganhou um aliado importante. Grandes empresas multinacionais com filiais por aqui começaram a mudar suas operações locais para vender mais no exterior. O movimento iniciou-se como uma alternativa ao crescimento fraco da economia local, mas seus primeiros resultados foram tão bons que o imprevisto virou estratégia. O **Brasil está se transformando em plataforma de exportação para grupos internacionais**, em setores nos quais provou ter boa qualidade de produção e custos mais baixos que nos países ricos⁶.

Nessa reportagem *Época* apresenta o que seria um grande negócio para o Brasil: instalação de empresas estrangeiras que usam o Brasil como plataforma de exportação de seus produtos. Dentre os setores que a revista destaca, encontram-se três: o grupo europeu de siderurgia Arcelor, que “*escolheu o país como sua principal base global para exportações*”⁷ e ainda possui uma fábrica de siderurgia em Vega do Sul, Santa Catarina; o grupo têxtil da Espanha, Zara⁸; e o setor automobilístico. Sobre esse último *Época* destaca que

Em 1997, no auge da euforia pós-Real, o mercado brasileiro consumiu 2 milhões de carros e todos os grandes grupos globais resolveram investir aqui. A capacidade de produção saltou para 3,2 milhões de veículos por ano, mas o mercado recuou para 1,5 milhão. Exportar foi a solução. A Volkswagen vendeu mais carros para o Exterior entre 2000 e 2002 do que nos 10 anos anteriores.⁹

Pode-se observar que a revista vê as multinacionais como grandes aliadas para o crescimento econômico do país. Prova do entusiasmo da *Época* é uma foto apresentada na matéria que traz a legenda: “*BOA NOTÍCIA: Guy Dollé, da Arcelor conta para Lula por que escolheu o Brasil*”¹⁰.

No processo de análise da revista *Época*, observa-se grande quantidade de matérias sobre o setor automobilístico. Doze matérias foram levantadas, e foram classificadas em três grupos principais: o **primeiro grupo** (que soma metade das matérias) é constituído de matérias que tratam de como as montadoras elaboram suas estratégias de vendas¹¹ para aumentar fatias de mercado – que passam pela (o): a) criação de novos modelos de carros (como é o caso dos carros

⁶ Idem, grifos meus.

⁷ Idem.

⁸ “*Apesar de todo o tempo desde sua primeira loja, a marca expandiu para diversos continentes do mundo e hoje está presente em 86 países, entres esses países podemos destacar as lojas da Zara Brasil possuidora de 41 lojas que fazem um enorme sucesso com o público brasileiro. No Brasil a empresa é conhecida por lançar peças versáteis e elegantes aliadas com preços acessíveis para seu consumidor final.*”. Disponível em: <http://zarabrasil.org>. Consulta em 12/05/2017.

⁹ “Produto tipo exportação”. *Época*. 30/06/2003, p. 52.

¹⁰ Guy Dollé, na época, era presidente mundial do Grupo Acelor.

¹¹ Os títulos das matérias que tratam sobre as estratégias de venda são: “A vez dos compactos”; “A volta de um mito”; “Carro de mulher”; “O desafio da GM”; “O caminhoneiro da Volks e Fiat renova a frota”.

conhecidos como “*compacto premium*”); b) retorno ao mercado de modelos de carros consagrados no passado, como é o caso do Mustang da Ford; c) elaboração de carros específicos para o público feminino, citando como exemplo a Volvo; d) destaque para a empreitada de produzir automotores não tão difundidos, como é o caso da Volkswagen, que passou a aumentar a fabricação de ônibus e caminhões.

O **segundo grupo** diz respeito a assuntos que tratam sobre desafios encontrados pelas montadoras no mercado¹². Sobre essa questão destaca-se: a) entrevista de Rogelio Golfarb, presidente da Anfavea (Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores) - que assim como *Época* está “preocupado” com o Brasil, pois o país corre o risco de ficar “*fora da rota dos novos investimentos do setor automotivo*”¹³; b) além de tratarem de assunto que envolvem os desafios enfrentado pelas montadoras, como a redução de vendas no mercado interno, cortes nos gastos, dentre outros.

O **terceiro grupo** reúne matérias entusiastas, que mostram o que “deu certo”¹⁴, como: a) o desenvolvimento de modelos de carros 100% nacional, onde se leva em conta o gosto do público local; b) o exemplo do funcionário que “triunfou”, como é o caso de Antonio Maciel Neto, que deixou a presidência da Ford em São Bernardo do Campo para ser vice-presidente mundial da Ford, em Detroit; e c) e os exemplos que as montadoras nacionais podem dar para as demais, como foi com a Ford Brasil, que em momentos de crise financeira internacional vendeu bem mais que as demais montadoras no restante do mundo.

No caso da *Veja* encontra-se um número inferior de matérias (total de três) sobre a indústria automobilística. A primeira diz respeito ao mercado de carros de luxo, visto com grande potencial de vendas no Brasil e cita como exemplo a BMW. A segunda reportagem trata de Luca Di Montezemolo (novo presidente mundial da Fiat), visto pela revista como a personificação do capital. *Veja* o compara com um “*desses heróis de que a história capitalista está cheia*”.¹⁵ Como observa Carla L. Silva, “*os grandes capitalistas são expostos por Veja como sendo verdadeiros exemplos de pessoas que ‘deram certo’, ‘alcançaram o sucesso’, o que ocorre em sintonia com a naturalização da riqueza*”¹⁶.

A última matéria levantada em *Veja*, sobre a indústria automobilística fala sobre os desafios de montadoras, como a GM e Ford, que devido à série de

¹² Os títulos das matérias que tratam sobre os desafios encontrados no mercado pelas montadoras são: “O mercado interno encolheu”; “A hora da tesoura”, e “Os novos desafios”.

¹³ Os novos desafios. *Época*. 11/10/2004.

¹⁴ As matérias referentes a esse grupo são: “Carro à brasileira”; “Do ABC para Detroit” e “A filial que ensina a matriz”.

¹⁵ “Outro herói capitalista”. *Veja*. 06/06/2004.

¹⁶ SILVA, Carla Luciana Souza da. *Veja: o indispensável partido neoliberal (1989 a 2002)*. Tese de doutoramento em História. Niterói, UFF, 2005.

crises financeiras mundiais “são consideradas empresas de alto risco nos EUA”¹⁷.

De modo geral, destaca-se que as revistas *Época* e *Veja*, apesar dos altos e baixos da economia nacional e internacional, buscam enfatizar as grandes conquistas das montadoras de carros no Brasil. As matérias que dizem respeito aos momentos de crise enfrentada pela indústria automotiva, por exemplo, geralmente vêm acompanhadas de alguma “orientação” de como o governo deve “agir” para que essas dificuldades sejam reduzidas, e o crescimento passe a ser contínuo¹⁸.

Assim como em *Época*, o capital imperialista multinacional tem seu espaço em *Veja*. Segundo a matéria de 06 de agosto de 2003:

O Brasil parece estar em um desvio na rota dos negócios internacionais. Nos primeiros anos após o Plano Real, a abertura da economia e a privatização fizeram o Brasil disputar com outros países emergentes o posto de principal destino dos investimentos estrangeiros. Em 2000, entraram no Brasil 32,7 bilhões de dólares, um recorde histórico. O tempo dos investimentos gordos acabou. Neste ano, as empresas estrangeiras devem colocar no Brasil 8 bilhões de dólares, uma queda de cerca de 50% em relação ao ano passado. Embora o problema seja global, o Brasil proporcionalmente perdeu mais que outros emergentes. O México terá recebido no fim do ano 80% do volume de investimentos no país em 2002. A China e a Polônia, dois adversários do Brasil na disputa por dólares, devem receber o mesmo montante do ano passado.¹⁹

Mais adiante, a revista apresenta a opinião do professor da Universidade de Princeton, Alexandre Scheinkman, onde argumenta que o baixo investimento estrangeiro no Brasil se deve pelas “incertezas domésticas”, cerca de 60%, e 40% devido ao “desaquecimento global”. Quanto às “incertezas domésticas”, observa-se que o discurso enfatiza a necessidade do Brasil de se enquadrar à lógica do capital internacional.

¹⁷ “Namoro com o precipício”. *Veja*. 11/05/2005.

¹⁸ As discussões sobre a relação entre *Época* e *Veja* e a indústria automobilística estão longe de ser encerradas e para uma maior compreensão da relação entre *Época* e *Veja* com o setor automotivo, seria enriquecedor realizar um levantamento publicitário nas revistas sobre a propaganda das montadoras em ambos os periódicos. No caso de *Veja*, Carla Luciana Silva apresenta no CAPÍTULO 2 – *Veja*: ação partidária e programa intelectual, tópico 2.5 – A publicidade: sustentando a economia de mercado, um levantamento dos anunciantes de *Veja*. A partir desse levantamento podemos destacar que as montadoras de automóveis estão entre os maiores anunciantes das revistas. A Volkswagen, por exemplo, além de ser o maior anunciador dentre as montadoras, é a empresa que mais anunciou em *Veja*, durante o período estudado, assumindo o primeiro lugar entre os anunciantes. Além da Volkswagen, encontramos entre os 20 maiores anunciantes: *Ford* (3º posição); *General Motors* (7º posição); *Renault* (13º posição) e *Fiat* (16º posição) SILVA, Carla Luciana. *Veja*, op. cit., p. 149.

¹⁹ “Um desvio de rota”. *Veja*. 06/08/2003, p. 108.

Já em 27 de agosto de 2003, verifica-se uma matéria intitulada *Uma nova agenda*, com o subtítulo: “*o pai do Consenso de Washington faz autocrítica e sugere novas estratégias para a América Latina*”.²⁰ Nela *Veja* divulga o novo trabalho do economista inglês John Williamson que realizou balanço das medidas adotadas no passado pelas economias da América Latina²¹.

Veja assinala que Williamson traz uma nova proposta para os países da América Latina, onde o “novo consenso”, “*incluiria uma agenda institucional e outra de combate à iniquidade – as quais em nenhum momento são incompatíveis com a boa gestão econômica proposta no modelo original*”.²²

As práticas políticas do Consenso de Washington são vistas como sinônimo de boa gestão econômica, mas que deveriam passar por algumas alterações, que “*de certa maneira, o governo de Fernando Henrique Cardoso já estava preocupado com todas essas questões, e o de Lula parece que também vai encarar os mesmos desafios*”, diz Williamson a *Veja* - que segundo a revista “*tem um carinho especial pelo Brasil*”.

A conclusão a que se chega no fim do livro é que o receituário de Williamson perdeu o caráter polêmico que tinha catorze anos atrás. Somando-se as propostas originais com a nova agenda social e institucional, pode-se dizer que não há ali nada que o atual governo de esquerda do Partido dos Trabalhadores não subscrisse. O consenso de Washington poderia ser chamar, sem nenhum problema, “Consenso de Brasília”.²³

Verifica-se que houve a busca por criação de consentimento em torno das ideias que foram formuladas em novembro de 1989. O capital-imperialismo não se impõe somente através da força, da coerção, mas também por formas educativas e pedagógicas, forjando um discurso hegemônico. Nesse sentido, as revistas *Época* e *Veja* se mostraram eficientes na defesa dos interesses do grande capital. Não se afirma que esse consentimento se deu de maneira passiva, sem contestação por parte dos movimentos sociais que se opunham às práticas políticas e econômicas do Consenso de Washington. No entanto, aponta-se que

²⁰ “Uma nova agenda”. *Veja*. 27/08/2003, p. 108.

²¹ Sobre o Consenso de Washington, Paulo Nogueira Batista destaca que: “*em novembro de 1989, reuniram-se na capital dos Estados Unidos Funcionários do governo norte-americano e dos organismos financeiros internacionais ali sediados – FMI, Banco Mundial e BID - especializados em assuntos latino-americanos. O objetivo do encontro, convocado pelo „Institute for International Economics”, sob o título „Latin American Adjustment: howmuch has happened?”, era proceder a uma avaliação das reformas econômicas empreendidas nos países da região. Para relatar a experiência de seus países também estiveram presentes diversos economistas latino-americanos. As conclusões dessa reunião é que se daria, subsequentemente, a denominação informal de ‘Consenso de Washington’*” BATISTA, Paulo Nogueira. O consenso de Washington. In: BATISTA JR, Paulo Nogueira. *Paulo Nogueira Batista: pensando o Brasil: ensaios e palestras*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2009, p. 115-16.

²² “Uma nova agenda”. *Veja*. 27/08/2003, p. 108.

²³ Idem.

Veja buscou tornar as consequências do Consenso de Washington brandas ao dar voz ao “pai do Consenso”. *Veja* realiza uma interpretação nociva das consequências promovidas pelo Consenso de Washington ao longo dos anos em que ele esteve em prática (presente, com suas diferenças, em governos como o de FHC e no Partido dos Trabalhadores). *Veja* ao fazer releitura das ideias originais do Consenso de Washington, buscou colocar na “ordem do dia” ações não pensadas em 1989, mas que quatorze anos depois passam fazer parte do discurso neoliberal, como é o caso de se pensar em uma “nova agenda social e institucional”.²⁴

Ao longo do período analisado, uma série de matérias destaca a ação dos grupos estrangeiros no Brasil. No total foram catalogadas 31 matérias em *Época* (14 reportagens) e *Veja* (17 reportagens) sobre os grupos estrangeiros.

Os assuntos das matérias são bem diversificados. Dentre eles, encontram-se matérias que tratam como as empresas multinacionais organizam as estratégias de vendas no Brasil, que tem como objetivos a consolidação ou aumento de mercado.

Visualiza-se essa afirmativa através de como algumas das notícias são apresentadas: “Como a Coca-Cola usou das velhas garrafas de vidro para barrar o avanço das tubainas e voltar a ganhar dinheiro no Brasil”²⁵, “Gerente-geral da Louis Vuitton revela como se constrói uma grife de luxo e diz que países como o Brasil, a China e a Índia são prioridades para a companhia no momento”²⁶; “Empresa quer dobrar mercado fotográfico brasileiro e planeja fabricar câmeras digitais no país”²⁷; “Para dar seguimento a sua fome de crescimento, a Lenovo escolheu o Brasil como um dos oito mercados mais estratégicos para a companhia”²⁸; “A L'Oréal, o maior produtor de cosméticos, sabe que as mulheres não são todas iguais”²⁹; “Os mexicanos da Del Valle chegaram ao Brasil há seis anos, lideram o mercado e agora atacam a gana dos concorrentes”³⁰; “Nos últimos cinco anos, a venda de motos cresceu 75% no Brasil”³¹.

Quem também ganha muito destaque nas revistas, dentro do período analisado, são as companhias de telefonia, que somam seis matérias ao todo. Três trechos de matérias demonstram como o campo da telefonia aparece em *Época* e *Veja*: “Empresas americanas e europeias entram em confronto pelo controle da

²⁴ Idem.

²⁵ “O passado venceu”. *Época*. 23/08/2004)

²⁶ Nessa reportagem também é possível visualizar a afirmação de um padrão de vida baseado na riqueza. “Luxo de emergentes”. *Época*. 13/09/2003.

²⁷ “A ousadia da Kodak”. *Época*. 14/03/2005.

²⁸ “O apetite dos chineses”. *Época*. 02/01/2006.

²⁹ “Muito além do BATOM”. *Veja*. 08/01/2003

³⁰ “Eles ensinaram o Brasil a beber suco”. *Veja*. 15/01/2003

³¹ “O sucesso em duas rodas”. *Veja*. 16/07/2003,

telefonía celular no Brasil”³²; “*A Telmex leva a Embratel e se consolida como o terceiro grupo de telefonía do país*”³³; “*O magnata mexicano comprou a Embratel por quase a metade do valor pago na privatização*”³⁴.

Época e *Veja* assumem tom monócórdio em relação às empresas de telecomunicação, apresentando suas “aventuras” em território brasileiro na disputa e consolidação pelo mercado nacional.

Outro grupo que desperta bastante atenção, devido ao número de matérias (seis no total), é o grupo norte americano Wal-Mart. *Época* destaca que o grupo de varejo norte americano é tido como uma referência para medir “*o pulso da economia*”³⁵ olhando para os números (em lucros) do Wal-Mart. *Veja* chega a mencionar que o grupo está “revolucionando o capitalismo”:

A Wal-Mart leva a máxima do corte de custos a níveis desconhecidos e ganha consumidores, mas também críticas... por seu tamanho colossal, obsessão pelo corte de custos, ganhos de produtividade, baixos salários pagos aos funcionários e dura negociação com fornecedores, a Wal-Mart tornou-se um dos dinamos do império americano.³⁶

Observe que *Veja* chega a mencionar que o Wal-Mart recebe críticas, porém a revista não registra quais são essas críticas, o que, por sua vez, desqualifica sua importância.

Sobre a forma de reduzir custos, que acaba atingindo diretamente os trabalhadores, a revista apresenta um discurso otimista em relação ao modo como a Wal-Mart consolidou sua posição no capitalismo global. Seu lema de negócios é: “*preços baixos todos os dias*”. Com esse lema, o Wal-Mart se tornou uma das maiores corporações mundiais. Destacamos que o elevado lucro alcançado pelo Wal-Mart, “*é oriundo de um regime de baixos salários, disciplinas de trabalho rígida e controle administrativo centralizado (até mesmo a temperatura em cada uma das mais de 3500 lojas do Wal-Mart nos EUA é controlada por sua sede em Bentonville, Arkansas)*”³⁷.

Como observa o cientista político Stephen Gill, a “*exploração dos resultados do trabalho acarreta uma enorme transferência de riqueza e recursos a esta plutocracia, apesar dos donos do Wal-Mart argumentarem, indiscutivelmente, que isso exemplifica a eficiência do capitalismo*”³⁸.

A eficiência do capitalismo anunciada pelos donos do Wal-Mart sofre uma série de denúncias, principalmente, no que diz respeito às condições de

³² “Duelo de morte na telefonía”. *Época*. 07/04/2003.

³³ “O olé dos mexicanos”. *Época*. 03/05/2004.

³⁴ “Slim fez o 21 da Embratel”. *Veja*. 24/03/2004.

³⁵ “O varejo no poder”. *Época*. 21/07/2003.

³⁶ “A reinvenção do capitalismo”. *Veja*. 14/01/2004.

³⁷ GILL, Stephen. As contradições da supremacia dos EUA. In: PANITCH, Leo; LEYS, Colin. (Orgs.). *O império reloaded*. 1ª ed. Buenos Aires: CLACSO, 2006 (Socialist Register), 2005, p. 41.

³⁸ Idem, p. 42. Grifos meus.

trabalho de seus funcionários. Como exemplo de tamanha exploração e contradição, Arturo Balderas Rodríguez relata a discriminação sexual promovida pelo grupo estadunidense:

La suprema corte de Estados Unidos emitió esta semana un fallo favorable a la corporación Wal-Mart en su disputa con un millón y medio de trabajadoras que la acusaron de discriminación sexual en las condiciones de trabajo, específicamente en su política salarial y oportunidades de ascenso. La decisión de la corte se dividió en dos partes: en la primera fue unánime en contra del derecho de las trabajadoras a demandar a la empresa conjuntamente ("*class action*"); en la segunda, el asunto específico de la discriminación sexual, no hubo unanimidad. En esta parte los cuatro jueces liberales, de los nueve que integran la corte, dieron la razón a las demandantes, y los cinco jueces conservadores concedieron la razón a la empresa³⁹.

Observa-se o trabalho do governo dos EUA na defesa dos interesses da corporação. Como observa Gill, "*a era atual de globalização é dominada pelos esforços dos EUA em estender o império da sociedade civil e garantir o mercado mundial para o domínio do capital*"⁴⁰, enquanto isso, observa-se

um tipo de revolução na relação entre o capital e o trabalho nos EUA, que o neoliberalismo disciplinar quer reproduzir no mundo inteiro. Na verdade, enquanto a classe trabalhadora dos EUA consegue preços baixos todos os dias no Wal-Mart, ela também é arrastada pela sujeição do endividamento e sofre com programas sociais federais mal financiados⁴¹.

A "revolução do capitalismo" promovido pelo Wal-Mart que *Veja* enfatiza com entusiasmo passa por inúmeras denúncias. Dentre as principais, como já foi mencionado, estão as relacionadas com as péssimas condições de trabalho de seus trabalhadores.

Em nenhum momento, as matérias de *Época* e *Veja*, buscam apresentar para seus leitores, as fortes denúncias que o Wal-Mart recebe devido a sua forma exploratória de gerar lucros. No entanto, ambas as revistas trazem matérias enunciando a chegada do grupo ao Brasil.

Em 07/04/2003, a revista *Época* anunciava: "*Leilão do Bompreço decidirá disputa entre Pão de Açúcar, Carrefour e Wal-Mart pela ponta do varejo*", "*A especulação de mercado põe na primeira fila da disputa os americanos do Wal-Mart*"⁴², já em 10/03/2004, quase um ano depois, *Veja*

³⁹ Essa é apenas uma das várias denúncias que podemos encontrar e citar. Ver: RODRÍGUES, Arturo Baldera. *Discriminación en Wall-Mart*. Disponível em <http://www.jornada.unam.mx/2011/06/27/opinion/016a1pol> Consulta em 05/07/2011.

⁴⁰ GILL, Stephen. As contradições da supremacia dos EUA. In: PANITCH, Leo; LEYS, Colin. (Orgs.). *O império reloaded*. 1ª ed. Buenos Aires: CLACSO, 2006 (Socialist Register), 2005, P. 14

⁴¹ Idem, p. 42.

⁴² "O jogo pela liderança". *Época*. 01/09/2003.

noticiava: “A Wall-Mart compra o Bompreço e já é a terceira maior rede no país”.⁴³

Dessa forma, destaca-se que durante o período analisado, observa-se uma grande ênfase dada no campo dos serviços, em especial a presença dos supermercados, dentre eles o Wal-Mart no Brasil, que somando as matérias de *Época* e *Veja*, contabilizam seis matérias. Além dos supermercados, na área de serviços também se destacam os investimentos no campo da telefonia, que somam seis matérias.

Ainda sobre as importações de capital, somando-se a essas notícias também se encontram matérias que mencionam os “fracassos” de investidores estrangeiros. Como mencionado anteriormente (quando foi tratada a indústria de automotores), quando se tem uma situação de insucesso, a “culpa” pelo “fracasso” é geralmente atribuída aos fatores internos ou a crises mundiais⁴⁴, mas nunca ao desenvolvimento de políticas e formas de organização das próprias empresas.

Durante a análise das fontes, em nenhum momento foram percebidas matérias que denunciassem as práticas nocivas dessas empresas no Brasil. Como mencionado, as contradições inerentes a esse processo de importação de capital são deixadas de lado, uma vez que a garantia do domínio do capital sobre a sociedade é uma prioridade máxima.

Verifica-se que além da expansão imperialista no campo da indústria e serviços, também temos a expansão do capital financeiro que tem uma autonomia *relativa*, uma vez que os capitais que se encontram valorizados na esfera financeira, nasceram e nascem na esfera produtiva.

Para Fontes, presencia-se, hoje, sob uma nova forma de concentração que

deriva do impulso monopólico propiciado pelo estreitamento da relação entre dois tipos específicos de grandes capitalistas (o capitão de indústria e o banqueiro) característico do início (e de boa parte) do século XX., porém desembocou na constituição de imensos conglomerados multinacionais para, finalmente, se encaminhar em direção a uma propriedade quase descarnada do capital, transformando-se num capital-imperialismo tentacular e abrangendo alguns países até então periféricos⁴⁵.

Foi Marx, durante as décadas de 1860 e 1870, um dos primeiros a observar que o “*capital monetário concentrado vive às custas da criação de riquezas*”. Percebeu ele que havia grande quantidade de capital sob o controle

⁴³ Idem.

⁴⁴ Em uma de suas matérias *Época* escreve: “*Gastos altos, poucas descobertas, óleo de pouca qualidade e indefinição fiscal afastam petrolíferas estrangeiras da costa nacional*”. In: “Acabou-se o encanto”. *Época*. 07/07/2003.

⁴⁵ FONTES, Virgínia. *O Brasil e o capital imperialismo: teoria e história*. Rio de Janeiro: EPSJV, UFRJ, 2010, p. 155.

dos banqueiros, permitindo “*que esse capital deixe de ser simples elo de valorização do capital na produção industrial, para se constituir em força independente e ninho de acumulação de lucros financeiros*”⁴⁶. Para Chesnais, os fundos de pensão e os fundos mútuos são os maiores ninhos para acumulação de lucros financeiros.

Independente de seus aspectos de agiotagem como capital que rende juros, o capital monetário concentrado representa “a forma mais alienada, mais fetichizada da relação capitalista”, a forma D-D” (isto é, aquela em que um capital D se fecunda e gera D”, sem passar por um investimento produtivo). Essa é a forma de “*o dinheiro que gera mais dinheiro*, um valor que valoriza a si mesmo, sem nenhum processo [de produção e de comercialização de mercadorias] que servia de mediação entre os dois extremos”. “O lucro dos banqueiros não passa de uma retenção sobre a mais-valia que vai depender do grau de centralização e de concentração atingido pelo capital monetário”⁴⁷.

Em primeiro momento, é possível afirmar que a empresa capitalista tradicional tem como concorrente as sociedades anônimas, sociedades por ações, dando uma nova dinâmica ao capitalismo, onde se têm grupos de capitalistas que buscam a concentração de capital através da valorização, especulação financeira, sem precisar investir diretamente na indústria. Porém Fontes nos alerta que:

O predomínio do capital monetário em escala internacional se acompanha, pois, da generalização de dois mitos, ambos resultantes de sua percepção unilateral: o de que é na atividade da gestão intelectual (sobretudo na complexa gerência de riscos e de taxas, na gestão internacionalizada de capital monetário) que se produz o lucro e o segundo mito, seu complemento, o de que o trabalho vivo não mais teria qualquer função na vida social⁴⁸.

Para Reinaldo Gonçalves, a economia do Brasil se caracterizou por quatro processos a partir de 1995. O primeiro diz respeito às “*políticas macroeconômicas restritivas e convencionais, principalmente as políticas de juros reais elevados e de aumento da carga tributária*”. O segundo “*abarca as medidas de liberalização e abertura externa nas esferas comercial, produtiva, tecnológica e monetário-financeiro*”. O terceiro processo diz respeito ao baixo desempenho do crescimento econômico e da redução das desigualdades. E, o último processo “*trata do avanço e da consolidação da dominação do capital financeiro comandado pelos grandes bancos privados nacionais*”⁴⁹.

⁴⁶ CHESNAIS, François. *A mundialização do capital*. São Paulo: Xamã, 1996, p. 246.

⁴⁷ Idem, p. 246-247.

⁴⁸ FONTES, op. cit., p. 26

⁴⁹ GONÇALVES, Reinaldo. Desestabilização macroeconômica e dominação do capital financeiro no Brasil. In: ARCEO, Enrique; BASUALDO, Eduardo M. *Neoliberalismo y sectores dominantes: tendencias globales y experiencias nacionales*. 1ª. ed. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de

Reinaldo Gonçalves destaca que desde a década de 1980, o Brasil tem passado por uma série de problemas de “desestabilização macroeconômica”, como inflação, contas externas, finanças públicas, renda, investimento e emprego. Assim, as medidas macroeconômicas têm sido totalmente restritivas.

Para Gonçalves, no segundo mandato de Fernando Henrique Cardoso (1999-2002) e o primeiro do Governo Lula (2003-2006), a política macroeconômica foi marcada por

metas inflacionárias rigorosas que são operadas com juros altos; política fiscal restritiva vinculada a superávits fiscais primários e regime de câmbio flexível que, nos momentos de excesso de liquidez internacional, gera forte sobrevalorização cambial e nos momentos de turbulência externa ou interna provoca abruptas desvalorizações da moeda nacional⁵⁰.

A economia brasileira entrou em um período de recessão a partir de 1995, tornando o Brasil mais “*subdesenvolvido nos últimos anos de liberalização, abertura e políticas macroeconômicas restritivas*”⁵¹, favorecendo a concentração do capital financeiro como setor dominante no país.

Assim, como acontece com o capital produtivo das multinacionais, *Época* e *Veja* tratam dos assuntos que envolvem o capital financeiro de forma natural, onde as contradições geradas a partir do capital financeiro são ocultadas.

Encontram-se evidências em algumas matérias que confirmam essa afirmativa. Por exemplo, a revista *Época* ao falar sobre o capital financeiro afirma que sua relação com a economia brasileira “virou lua-de-mel” e que “a impressão que o Brasil despertava nos investidores passou da absoluta desconfiança para um nível de confiança sem precedentes”.⁵² Tal afirmação além de acentuar a importância do capital financeiro nas relações econômicas, mostra como o capital financeiro foi fundamental para a busca da credibilidade da economia brasileira durante o governo Lula.

O destaque em que as instituições financeiras ganham no Brasil chegou a proporções tão grandes a ponto de mudar o mapa de negócios dos grandes bancos estrangeiros. Os lucros ganhos em território nacional são tão grandes que chegam a influenciar “*o resultado global de grandes corporações, com sedes em países ricos*”,⁵³ como é o exemplo de bancos como Santander da Espanha e ABN Amro da Holanda.

Os resultados alcançados pelo Brasil foram expressivos durante o primeiro mandato do governo Lula, a ponto de os investidores estrangeiros investirem de maneira pesada no país, tal acontecimento é exposto com o

Ciências Sociais – CLACSO, 2006, p. 207.

⁵⁰ Idem, p. 208.

⁵¹ GONÇALVES, Reinaldo, op. cit., p. 208.

⁵² “Mais uma chance”. *Época*. 12/01/2001.

⁵³ “Dinheiro a brasileira”. *Época*. 12/07/2003.

otimismo por *Época*. Para a revista, “se um país pudesse ser resumido aos indicadores de seu mercado financeiro, o Brasil estaria vivendo grandes momentos”, somente “em agosto, a Bolsa de Valores de São Paulo recebeu um saldo de R\$ 1 bilhão em investimentos estrangeiros”.⁵⁴

Para além das questões acima citadas, percebe-se nas matérias destacadas os “grandes feitos” financeiros no mundo e no Brasil, como: a venda da Losango, incentivo ao crédito popular, ênfase na criação do maior banco do mundo (Mitsubishi UFJ Holdings), a boa lucratividade dos bancos no Brasil, privatização de bancos públicos (como no caso do Banco do Estado do Maranhão - BEM), a formação da “nova safra” de banqueiros.

Armando Boito Jr., destaca que há no Brasil um capital financeiro que gira em torno dos grandes bancos comerciais – nacionais e estrangeiros – como é o caso dos bancos Bradesco, Unibanco, Itaú, Santander, ABN Amro, Citibank, dentre outros (além dos bancos de investimentos como é o caso do Goldman, citado por *Época*). Em 2005 o balanço dos lucros trazia a notícia de que os cinco maiores bancos do Brasil detinham 69% de todo o lucro do sistema bancário, se levasse em consideração os dez maiores bancos a parcela subiria para 83%. Boito destaca que:

No Brasil, grandes bancos e grandes grupos industriais mantêm-se relativamente separados, é uma particularidade brasileira, no quadro da América Latina, é a importância dos grandes bancos nacionais – setor que, aliás, até meados da década de 1990, não apresentava investidores estrangeiros dignos de nota. As demais empresas e instituições que integram o capital financeiro são os bancos estrangeiros comerciais e de investimentos que, sem possuir rede de agências no Brasil, possuem investimentos de curto e longo prazo no país, fundos e investimentos e fundos de pensão nacionais e estrangeiros⁵⁵.

Esses bancos têm como função a centralização do capital dinheiro e poupança, lançando-os no “ciclo curto” de valorização, o qual Marx denominou de D-D”, funcionando, segundo Boito, como capital usurário e predador, que tem um alto grau de valorização, sem investir na produção.

Para que haja essa valorização do capital financeiro, Boito assevera que algumas políticas de Estado são fundamentais, como: a) interação entre mercado financeiro nacional e internacional, através da desregulamentação financeira,

⁵⁴ “O rico ‘efeito férias’”. *Época*. 08/09/2003.

⁵⁵ BOITO JR, Armando. A burguesia no governo Lula. In: ARCEO, Enrique.; BASUALDO, Eduardo M.. op. cit., p. 207.

conversão de moedas, aplicação livre dos títulos públicos nas bolsas de valores; b) câmbio relativamente estável; c) pagamento da dívida pública externa e interna, com alta elevação dos juros, para garantir lucros em torno dos títulos públicos detidos; d) liberdade para o capital financeiro cobrar o quanto achar necessário pelos empréstimos cedidos a capitalistas e consumidores; e) ajuste fiscal, para garantir o pagamento dos juros dos títulos da dívida pública (no caso do Brasil: superávits primários)⁵⁶.

Boito afirma que podemos falar em “hegemonia do grande capital financeiro” no atual modelo capitalista neoliberal, uma vez que se verifica relação estreita entre as entidades financeiras e os governos de FHC e Luiz Inácio Lula da Silva.

A política desses governos, de Fernando Henrique Cardoso a Luís Inácio Lula da Silva, vem sendo orientada e plenamente aprovada pelo FMI, Banco Mundial, Febraban e outras instituições. Um indicador significativo desta situação é a simbiose que verifica-se entre os dirigentes dos sucessivos governos do período, principalmente os dirigentes do Ministério da Fazenda e do Banco Central, e os dirigentes do setor financeiro nacional e internacional⁵⁷.

É possível concordar com Chesnais, que afirma, junto a vários autores, que o movimento de mundialização é excludente:

O movimento da mundialização é *excludente*. Com exceção de uns poucos “novos países industrializados”, que haviam ultrapassado, antes de 1980, um patamar de desenvolvimento industrial que lhes permite introduzir mudanças na produtividade do trabalho e se manterem competitivos, está em curso um nítido movimento tendente à marginalização dos países em desenvolvimento⁵⁸.

Seguindo esse raciocínio, apesar de todo processo de exclusão, percebe-se o caso brasileiro como uma exceção (conforme mencionou Chesnais). Isso porque o Brasil além de ser um país onde o imperialismo externo buscou se enraizar através do capital corporativo com suas multinacionais e os bancos (comerciais e de investimentos) também desenvolveu seu próprio imperialismo, sendo um país que exporta capital⁵⁹.

⁵⁶ Idem, p. 244-245.

⁵⁷ Idem, p. 246-247.

⁵⁸ CHESNAIS, op. cit., p. 33.

⁵⁹ Ver: KRUPINISKI, Ricardo. O Brasil imperialista em *Época e Veja*: petróleo, mineração e siderurgia (2003 a 2006). In: RAUTENBERG, Edina; SILVA, Carla Luciana. *História e Imprensa: estudos de hegemonia*. Porto Alegre: FCM Editora, 2014.

Considerações Finais

O estudo levantado em torno de algumas questões teóricas a respeito do imperialismo e do neoliberalismo brasileiro, permitiu melhor compreensão sobre o posicionamento das revistas *Época* e *Veja* em relação às políticas neoliberais adotadas e praticadas no Brasil durante o período de 2003 a 2006, que nesse artigo, teve como foco principal as importações de capital.

Nesse sentido, a discussão avançou, permitindo analisar a atuação dos grupos estrangeiros no Brasil, que encontraram espaços em ambas as revistas. Através da ênfase dada às grandes corporações multinacionais, como as montadoras de carros, prestadoras de serviços (Wal-Mart), bem como os grupos financeiros. Observou-se que tanto *Época* quanto *Veja*, agiram em consonância com o grande capital internacional.

Artigo recebido em 27.8.2018

Aprovado em 3.10.2018